

**FORUM**  
**A TRANSA DO LEITOR**

**ela**

**e**

**MEG RYAN**  
NAMORADINHA  
DE HOLLYWOOD

**ORGASMO  
CIBERNÉTICO  
E TROCA  
DE CASAIS**

**NUAS**  
TINA, SANDRA E  
SIMONE SANTOS

ISSN 0531-9153



00317>

9 770531 915005

**ESPECIAL**  
**BORDEL DAS  
NORMALISTAS**

**VAN  
DAMME**  
O GALÃ BOM  
DE BRIGA

**REPORTAGEM**  
**AS MULHERES DE  
JAMES BOND**

publicação  
**bloch**  
R\$ 4,50



## PRAZER & INFORMAÇÃO PARA O HOMEM



NOSSA CAPA: Tina, em fotos de Franco Marocco.

### ENTREVISTA

#### 6 DORIVAL CAYMMI

O cantor e compositor ensina como passar o tempo sem pressa e sem fazer força. Por André Duarte.

### NÁUTICA & PESCA

#### 12 OCEANIS 440

Um veleiro de mais de 40 pés e outras histórias de pescador. Por Álvaro da Costa e Silva.

### SERVIÇO

#### 15 PRAZERES

Shows, diversões, fetiches, vídeos, bares e novidades da multimídia.

### MULHER

#### 24 TINA

A supergata da capa, em fotos de Franco Marocco.

### AUTOMÓVEIS

#### 30 CHEVROLET S-10

Uma picape para o que der e vier, a qualquer hora, em qualquer lugar.

### LIVROS

#### 32 AVENTURA E ROMANCE

Um autêntico Jack London, o mais recente de Ignácio de Loyola Brandão e outros lançamentos. Por Ney Reis.

### MÚSICA

#### 34 MARINA E OUTROS

O novo CD da cantora pop, um pacote de blues e muito mais. Por Marcus Veras.

### EROTISMO

#### 40 O SEXO VIRTUAL

Todas as possibilidades de prazer, via computador. Por Macedo Rodrigues.

### REVELAÇÃO

#### 46 GATAS E GATINHAS

Gatinhas, mulheres e mulheres para seu deleite e delírio.

### PERFIL

#### 50 MEG RYAN

A namoradina de Hollywood, que reinventou o happy end açucarado. Por Cristiane Simões.

### FANTASIA

#### 56 O BORDEL DAS NORMALISTAS

Álvaro da Costa e Silva relembra um mistério carioca de meio século.

### LANÇAMENTO

#### 60 RENATO RUSSO

O legionário urbano adota o romantismo à italiana. Por Cristiane Simões e Renato Guima.

### CINEMA

#### 64 BOND GIRLS

Alex Campos comemora a volta das garotas de 007 e relembra as mais lindas parceiras do espião que todos invejamos.

### PÁGINA 69

#### 69 PAPAÍ NOEL

O Bom Velhinho numa história apimentada. Por Renato Guima.

### REPORTAGEM

#### 71 SUINGUE

Os points do sexo coletivo, troca de casais e ménage à trois. Por Edgar Olimpio de Souza.

### CRÔNICA

#### 76 O FIM DA PICADA

Os absurdos, engraçados ou não, do cotidiano. Por Ney Reis.

### DESTAQUE

#### 80 GENTE

Quem aspira e respira sucesso. Por Alex Campos.

### TURISMO

#### 82 ROMA

O lado oculto e fascinante da Cidade Eterna. Por Cláudia Versiani.

### CONTO

#### 88 CARTA ABERTA A

#### UMA MULHER ASSEDIADA

Ney Bianchi, da revista MANCHETE, escreve carta a uma amiga sobre as sutilezas e equívocos do assédio sexual.

### SERVIÇO

#### 92 CONSUMO

Grandes dicas de compras, pequenos objetos do desejo. Por Renato Guima.

### MULHER

#### 94 SIMONE SANTOS

Bela, nua e com muita personalidade. Fotos de Indalécio Wanderley.



Foto B. NEWMAN — Sygma

As James Bond Girls, página 64.



Foto MASAOMI MOCHIZUKI

Sexo Virtual Interativo, página 40.

### CINCO MINUTOS

#### 100 JEAN-CLAUDE VAN DAMME

Galã da Pancadaria, Rei dos Socos e Pontapés, o ator vai conquistando o sucesso na base da porrada. Por Antonio Carlos Lisboa.

### ESTILO

#### 104 BRANCO, A COR DO VERÃO

Eclético e bom gosto dos pés à cabeça.

### CLÁSSICO

#### 110 FRANKENSTEIN

Sexo, traição e morte. Por André Machado.

### MULHER

#### 114 SANDRA CRISTENSEN

Uma louca de sangue quente, em fotos da agência Vanity.

### BADALAÇÃO

#### 120 FAIRPLAY

Diga-me com quem andas e te direi que és feliz. Por Antonio Carlos Lisboa.

### ÚLTIMA PÁGINA

#### 122 DAS VANTAGENS DE NÃO TER FILHOS

Carlos Eduardo Novaes comenta as vantagens de viver sem um herdeiro ou um *pidão de mesadas*.



Turismo em Roma, na página 82.



Branagh e De Niro, em Frankenstein, página 110.

Foto B. ANNEBICQUE — Sygma



Foto JOÃO CORDEIRO JR.

Roupa Masculina, na página 104.

Foto DAVID APPLEBY — Divulgação









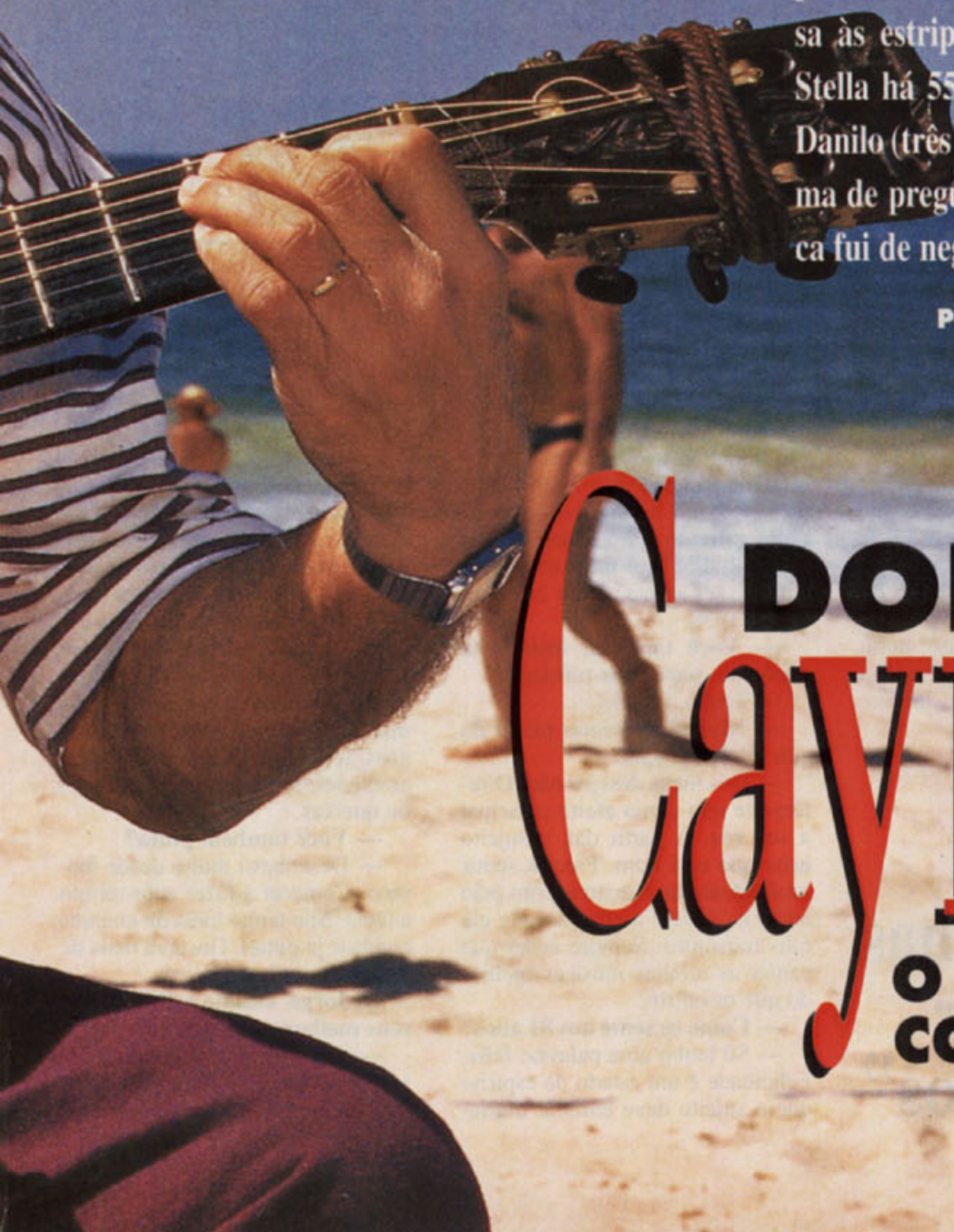
A história da MPB não seria a mesma sem as composições de Dorival Caymmi, nem aqui nem no Japão (veja ele na capa de uma revista de lá). Aos 81 anos, já

com três bisnetas, ele continua demonstrando irreverência e humor. Sem camisa, na janela de seu apartamento no Posto 6, Copacabana, o baiano conta, tranqüilamente, as suas peripécias, como se estivesse num bar levando uma prosa com os amigos. Da primeira trança às estripulias, Dorival, casado com Stella há 55 anos, pai de Dori, Nana e Danilo (três feras da MPB), explica a fama de preguiçoso e mulherengo. “Nunca fui de negar um apelo de mulher.”

Por ANDRÉ DUARTE

# DORIVAL Caymmi

O BAIANO DE  
COPACABANA





**V**OCÊ canta o mar, mas não sabe nadar.

— De fato não sei.

Tem um ponto da Escócia, onde se vive da

pesca e, lá, os pais não deixam seus filhos aprenderem a nadar. Eles sabem que é

mais fácil a morte

quando o indivíduo sabe nadar.

— **Você tem medo do mar?**

— Pelo contrário. Não sei por

que não nasci na praia. Sempre

morei na parte alta da cidade de

Salvador, com uma vista total da

ilha de Itaparica. Nunca me inter-

ressei em aprender a nadar, mas isso

não me impede de estar em con-

tato com o mar, apreciando a sua

beleza, os coqueirais...

— **Por que você não gosta do**

**rótulo Família Caymmi?**

— Todos os três filhos são pro-

fissionais de música e independen-

tes uns dos outros, e cada qual de-

fende o seu gênero. Sentimental-

mente aceitamos, mas comercial-

mente não gostamos.

— **É uma família muito talen-**

**tosa.**

— Tomo a liberdade de dizer

isso vaidosamente. Garanto e en-

dosso você. Visto por este lado, até

que o título é legal. Mas querem

transformá-lo em um rótulo e fica

muito comercial e isso não é bom

para nós. Além do mais, já estou a

caminho de uma ociosidade profis-

sional. Não aceito contratos longos.

É uma comodidade e uma neces-

sidade física também, porque

tenho 57 anos de profissão.

— **Mais do que pai você acaba**

**sendo um grande admirador do**

**trabalho dos filhos.**

— Apesar disso, admiro muito

uma cantora em especial, a minha

mulher, Stella. Cantou durante

dois anos no rádio.

— **Onde a conheceu?**

**“Sempre achei que cantei minhas músicas melhor do que os outros”**

Foto MASAOMI MOCHIZUKI



— No Rio de Janeiro, num programa de calouros. Quando fui ver os calouros da Rádio Nacional, avistei aquela cantora e fiquei gostando dela. Mas só vim conhecê-la na Rádio Mayrink Veiga, quando fui trabalhar lá. Então, fizemos amizade e nos casamos um ano depois, em 1940.

— **Como chegou ao Rio?**

— Saí da Bahia com 24 anos para estudar Direito. Logo descobriram, na pensão de estudantes, que eu tinha um violão escondido. Me disseram que seria mais fácil, no Rio de Janeiro, tentar a vida no futebol ou no rádio e foram me animando. Então, a Rádio Tupi me convocou e passei a ser artista no dia 24 de julho de 1938.

— **Você tem um intérprete preferido para suas músicas?**

— Tenho. Eu (risos).

— **Ninguém chegou perto da sua interpretação?**

— Dos meus desejos não. O intérprete tem como efeito principal a sua voz. A partir daí, o sujeito acha que está bom. Precisa sentir profundamente o texto escrito pelo autor da letra e a emoção que ele quis transmitir. Sempre achei que cantei as minhas músicas melhor do que os outros.

— **Como se sente aos 81 anos?**

— Só tenho uma palavra: feliz. Felicidade é um estado de espírito que o sujeito deve lembrar diária-



Foto MANCHETE IMAGENS



Foto JOSÉ RONALDO

mente de se auto-sugerir. Sempre fui um homem feliz. Gosto de tirar algumas horas do dia para uma meditação, uma troca de idéias comigo mesmo e sempre me dei bem assim. Descobri como é bom preservar a saúde física e mental, eliminando sentimentos baixos, negros, roxos e marrons. Não tenho ambições, inveja, arrependimentos ou queixas.

— **Você também pinta?**

— Desenhava muito desde menino. Comecei a fazer auto-retrato a lápis. Não tenho idéia de quantos quadros já pinte. Gostava mais de pintar as minhas músicas.

— **Jorge Amado e Caribé são seus melhores amigos, não?**

— Eles são os amigos que conservo de sempre. Inclusive, exploraram muito a minha semelhança





**Na foto maior, Caymmi entre os filhos Danilo e Nana domina o palco; embaixo, com Jorge Amado, um dos mais antigos amigos, quase um irmão; mais embaixo, ao lado de Abelardo Barbosa, o Chacrinha; abaixo, com sua grande paixão, Stella.**

com Jorge Amado por causa do cabelo branco.

— **O Tom Jobim foi a maior perda?**

— Não sei dizer. Estava preparado para não sentir a dor que teria sentido se fosse mais moço. Tive uma vaga dor, mas manterei o Tom vivo na minha vida para sempre. Guardo lembranças de Tom dos mais variados lugares, principalmente do Rio e de Los Angeles. Lembranças de afeto, de humor, de companheiro. Quando estávamos juntos, bastava nós dois. Ele era quase um irmão.

— **Quer chegar em que idade?**

— Se eu fizer 150 anos, é um bom tempo. Gosto de vida longa.

— **O Jô sempre reclama que você nunca foi ao programa dele.**

— (Risos). Quando estiver em São Paulo, vou ao Jô. Nesse caso, sou preguiçoso (risos).

— **Você tinha a mania de andar falando sozinho pela Avenida Rio Branco à noite.**

— Compus vários trechos de canções nessas caminhadas. Sou amigo com a Avenida Rio Branco. O trecho entre a Praça Mauá e a Rua do Ouvidor era o mais quieto da cidade naquela hora da noite. As rádios eram por ali. Esse pedaço era o da inspiração. Ainda tenho paixão pela Avenida Rio Branco, mas sei que mudaram muitas coisas por lá. Na verdade, adoro o Rio. Sou o baiano mais carioca que pode ter.

— **Além do amor que se possa ter pela Bahia, ela não virou um**

**grande negócio para ser cantada? Se você gosta tanto de lá, por que veio para o Rio de Janeiro?**

— Naquela época, o lugar onde se podia conseguir uma melhor situação era no Rio de Janeiro, a capital do país. Após ter tirado segundo lugar num concurso para o serviço público e nunca ter sido chamado, resolvi arriscar a vida em outro lugar. Inclusive, já tinha exemplos na família que saíram da Bahia e se deram bem no Rio de Janeiro. Comecei trabalhando num jornal. Em três meses já era artista profissional.

— **Então, hoje, por que não volta para a Bahia?**

— Não há razão para isso. Faço duas visitas por ano à Bahia. Tive até o agrado de meu povo, que me deu uma casa. Mas a condição familiar não me permite voltar. A cidade ideal para morar é o Rio de Janeiro. A Bahia sempre serviu para se viver uma vida baiana, gostosa e familiar.

**E**NTÃO, a sua paixão se divide entre Rio e Bahia?

— Sem dúvida alguma. O Rio está sofrendo, porque não está nas mãos de cariocas. Quem está mandando no Rio é um povo que não ama o Rio. Saí da Bahia para o Rio por um amor visceral. E, agora, vejo uma certa decadência. Carioca foi um estado de espírito muito bonito até o pós-guerra. Amo as duas cidades por igual.

— **O romantismo é essencial para a vida?**

— Sem dúvida. O romantismo é um componente do amor. Ele funciona até na hora do ato sexual. Quem não sabe viver nessa conjugação de coisas não aproveita o le-

gítimo prazer do convívio e da relação entre homem e mulher.

— **Como vê o samba atualmente?**

— Hoje está difícil saber se há samba. Ninguém mais faz samba. O negócio agora é uma música internacional.

— **E a situação do Brasil?**

— Um pouco melancólica, porque as cidades estão tomando aspectos muito diferentes. Há falta de idealismo e uma paixão consumista enorme.

— **A canção Marina lhe rendeu uma briga. Como foi isso?**

— Não gosto de falar disso. Num festa de gala, em Minas Gerais, vi que o rapaz sentado na minha frente tinha um revólver sob a mesa. Embriagado, ele dizia que eu era o culpado e ia me dar um tiro. Fiquei aflito, mas fui salvo por um *maitre* que tomou a arma dele. A mulher dele tinha uma preferência por mim e achava que eu tinha feito uma música para ela. Então, ele queria acabar comigo. *Marina* foi feita de memórias de um rapaz adolescente com ciúmes da namoradinha. Só botei esse título porque achei um nome bonito.

— **Dora foi inspirada em outra mulher?**

— Sim. A história começou quando Stella teve que me deixar em Fortaleza e voltar para o Rio de Janeiro. Aquela noite, vi o navio levar Stella e fiquei isolado com a mágoa da saudade. Quando voltei para o hotel onde estávamos hospedados, me deparei com sinais dela, cabelos no pente e coisas assim. Isto me deu uma angústia tremenda de saudade e resolvi não ficar mais naquele hotel. Peguei minhas bagagens e fui procurar outro. Só que não havia vaga e resolvi esperar por uma sentada no muro. Então, fui ver o bloco para me distrair daquela fossa. Então, vi uma moça dançando frevo, com uma graça extraordinária e comecei a fazer *Dora* em cima da beleza daquela mulher.

— **Você não gosta de usar cueca e só tem três, que foram dadas pela sua mulher?**

— Hoje já tenho mais do que três, mas uso cueca só de vez em quando, pois gosto de roupa de linho e sem cueca, sem nada, roupa fresca. Podem estar falando comigo na rua e eu estar com ou sem



Foto MASAOMI MOCHIZUKI





Foto Divulgação



Foto ANA PAULA OLIVEIRA



Foto PEDRO BORGERTH

**Dori, com o violão, Danilo (acima, à direita) e Nana (acima), herdaram o talento do pai Caymmi e desenvolveram carreiras individuais, sem deixar de se apresentar em grupo.**

cueca, conforme a temperatura e o peso da roupa.

— **Você prefere cuidar do bicho solto?**

— Se pudesse, andava nu. Acho que devia ter o direito de andar, pelo menos, uma hora por dia nu dentro de casa. Naturalmente, por respeito à vizinhança, não o faço.

— **Você é mesmo preguiçoso?**

— Sempre fui cobrado de fazer algo novo, mas só faço música quando me apetece. Nunca tive a preocupação com a quantidade. Então, passo por preguiçoso mas não sou.

— **Você demora muito tempo para compor uma música. Isso não é uma preguiça?**

— Sempre fui assim. A canção *João Valentão* demorou nove anos para ficar pronta. Aí, a minha fama de preguiçoso aumentou violentamente.

— **Você é um eterno admirador da beleza feminina.**

— Sempre. Mulher representa a própria vida com todos os componentes que embelezam a existência. Inclusive, é a geração da vida. É naquele ventre que tem a repro-

dução. Existe a contribuição do homem, mas a beleza está na mulher. Tenho por elas uma verdadeira idolatria. A maioria dos meus sentidos está dirigida para a figura feminina. Mulher é o meu princípio, amuleto, dogma, partida...

— **Mulher é um anestésico?**

— Ela pode servir até de anestésico, porque mulher pode dizer coisas que dão alegria interior e de longa duração.

— **E por que cantar sempre as morenas?**

— Por causa da afinidade racial. A mistura mestiça do Brasil supera a população branca.

— **Então, não é uma preferência?**

— Mulher em si já é a minha preferência. Não precisa ter cor. Se ela tem aquele jeitinho de ser, bonita de corpo, de ar, ingênua ou maliciosa, tudo isso me serve. Já Stella foi um caso tipicamente de amor. Aí não funciona cor e sim o comportamento.

— **Você foi um azarador?**

— Nunca corri atrás de mulher. Elas contribuíram muito para o meu assanhamento. Em princípio, eu era muito poético e elas me disseram que não era só isso. Me chamaram para um terreno mais agitado...

**Stella já disse várias vezes que, quando jovem, você foi um furor.**

**A** — Ela sempre diz isso. E fui mesmo, porque tudo que é mulher deu em cima de mim, de todas as castas, raças e categorias. E tinha que aceitar, porque nunca fui de negar um apelo de mulher.

— **Sempre foram elas que te procuravam?**

— Na maioria das vezes, sim. Mas sempre me expus, pois ia correndo atrás, como se corre atrás de uma criança ou de uma bandeja sem saber o que tem nela. Podia estar na mão de outro, mas ia atrás da bandeja e dizia: aí tem coisa boa (risos). Nunca corri atrás de mulher para fazer número e contar vantagem.

— **Você era o come-quieto?**

— No conceito geral, sim. Se chegassem para mim perguntando se fulana teve uma ligação comigo,

eu dizia que, se tinha sido dito por ela, é porque era verdade.

— **Stella já foi atrás de você e o encontrou cercado de mulheres.**

— Foi o maior quiproquó. A coisa mais engraçada que já me aconteceu. Estava numa festa, em Ipanema, onde se bebia e dançava com umas moças. Saí de lá com cheiro de festa e não quis entrar em casa assim. Então, fui procurar um bar para me lavar e fumar um cigarro para tirar o odor de mulher, mas estava tudo fechado. O único bar aberto era o Grego, que tinha fama de local de passador de cocaína. Então, entrei e me deparei com um quadro inesperado — Ary Barroso, embriagado e cercado de cinco mulheres de segunda ordem. Ele não tinha condição nem de se levantar. Fui ajudá-lo porque as mulheres estavam sugando ele. Chamei um chofer de praça e o coloquei dentro do carro. Enquanto o táxi levava Ary Barroso para casa, fiquei ali esperando para poder pagar o motorista quando voltasse. Então, sentei junto daquelas mulheres numa mesa. Stella, que nunca foi de fazer isso, foi me procurar pela noite. Estava tranqüilamente esperando o motorista e de repente recebi uma bofetada na cara. Era Stella. Olhei para trás e disse: “Stella, o que houve?” Depois vi que em minha volta estava tudo contra mim. Então, tive que recolher a rapadura. Me explicar não adiantava. Fui para casa, tomei um banho e me deitei, de cueca, na sala. Esperei o dia amanhecer para poder arranjar uma fórmula de fazer Stella entender a verdade. Todos ficaram sabendo que fui flagrado puxando fogo, cheio das mulheres e ninguém citou o Ary Barroso (risos).

— **Mas o cheiro era só de festa mesmo?**

— Era uma reunião de amigos, com bebidas e umas moças conhecidas. Mas tem aquela coisa de perfume e batom de mulher. Dei uns agarros nas meninas, mas não dava para ir para o quarto.

— **Você já fez um buraco no quarto de um hotel, junto do Paulo Gracindo, para ver as mulheres no banheiro.**

— Não. O buraco já estava lá. Tinha uma mulher tirando a roupa. Ela estava passando a sua lua-de-mel com luz acesa. Notei que o ho-

**“Eu deveria poder andar nu ao menos uma hora por dia”**



tel era todo esburacado. No quarto do Paulo Gracindo tinha um buraco que dava para ver um casal trepando numa boa. E para variar, caiu toda fama para cima de mim (risos).

— **Você já transou com uma prostituta?**

— Tive uma aventura exemplar. Exótica e solidária. Estava em casa quando um amigo, o Zezinho, ia se casar, mas ele queria uma despedida de solteiro. Precisei encobri-lo para a noiva não descobrir. Então, inventou que tinha um trabalho comigo. Ele foi se deitar com uma prostituta e me ofereceu uma outra. Fui para o quarto com ela, que não era bonita e ainda tinha uma coceira que me deu um medo enorme. Tudo em sacrifício pelo amigo. Nunca tive vocação para sair com prostituta.

— **Como foi a sua primeira relação sexual?**

— Desci do segundo andar da minha casa e encontrei a empregada nua com meu irmão. Tinha uns 13 anos. Quando chegou a minha vez, fui para a minha primeira trepada.

— **Você era de dar cantada nas mulheres?**

— Não. Sempre acreditei na aproximação lenta.

— **Já recebeu alguma cantada diferente?**

— Sim. Quando estava passando pela porta da casa de uma vizinha, vi uma mão sair pela janela e me jogar um bilhete, que pedia o meu comparecimento num endereço. Como não sou de negar um pedido de mulher, passei no endereço e vi uma casa toda fechada. De repente, a janela abriu um pouquinho, ela me fez um sinal e perguntou: "Você se atreve a entrar aqui?" Respondi: "Me atrevo!" Quando já ia pulando a janela, ela abriu a porta e passei o dia inteiro ali dentro. Passados alguns dias, quando ia chegando perto da casa, fui interceptado por um rapaz que disse: "Essa mulher me arruinou, vendi até a casa da minha mãe...se você passar nessa rua novamente, eu o mato." Ele apontou um revól-

ver prateado na minha cara. Então, disse a ele que não era preciso me matar, pois ia voltar de costas e nunca mais passaria ali (risos).

— **Já transou com alguma fã?**

— Sim. Essas fãs que apareciam no rádio eram as que mais davam em cima de nós e às vezes eu acabava indo para as casas delas, tinha até algumas gráficas. Nem procurava saber a identidade delas. Era mais fácil conversar com as putas da noite do que com aquelas senhoras, donas de casas bonitas.

— **Você já fumou e bebeu muito e, hoje, não faz nada disso.**

— Já fumei charutos com prazer. Quando esticava pela noite, fumava de 10 a 15 charutos por dia, fora o maço de cigarro. E também bebia pelo prazer de estar em companhia de bebedores e amigos. Há muitos anos parei com tudo por causa da gota, que me dava muita dor. Foi terrível.

**P**ARA se enganar, você botava guaraná e gelo no copo...

— Isso acontecia, porque o bebedor me chamava para beber e eu respondia que já estava com meu copo. Ganhei a fama de não largar o copo por causa disso. Passei noites tomando guaraná e enganando eles todos.

— **Já comprou briga com algum marido traído?**

— Não. Apesar de não acreditar naquele ditado que mulher de amigo meu para mim é homem. Mulher sempre foi mulher. Sempre respeitei a vontade soberana das mulheres. Se o marido tem vocação para corno é um problema pessoal dele. Falo no alto dos meus 81 anos e sem estar em atividade, mas sempre acreditei nisso.

— **Qual a parte do corpo da mulher você mais gosta?**

— Mulher é um conjunto boni-

**Caymmi é tietado pelos amigos Elba Ramalho (no alto, à esquerda), Millôr Fernandes (no centro), Olivia Byington e Ana Lontra Jobim (à direita); por causa de Ary Barroso (acima), o baiano apanhou da mulher.**



Foto MANCHETE IMAGENS



Fotos MASAOMI MOCHIZUKI

to, mas vejo em primeiro lugar a cara e os seios. Depois vêm os ombros bem torneados, que são acessórios lindos. São locais de carinho objetivo. Caras, seios, ombros e, no mais, o que se segue é canja (risos).

— **Você já foi para cama com mais de uma mulher por dia?**

— Já. Em idade boa, tinha dias que ia com umas três.

— **Continua em plena atividade sexual?**

— Não. Hoje estou fraco. Me bateu de repente um sentido de ser observado pelo lado moral das minhas netas e filhas. Procuo me segurar em respeito à população feminina da família. Isso sem perder a vontade de apreciar as mulheres. A minha mulher apresentou problemas cardíacos e tive que ficar no recolhimento. Não sei nem como dizer isso. Achei uma falta de moral com a minha mulher, que me deu tantos momentos de felicidade. Tive uma experiência, há pouco tempo, e me dei mal, pois ela me flagrou.

— **Isso foi há quanto tempo?**

— (Ele ri ironicamente.) Há uns três anos.

— **Conta um pouco mais dessa história.**

— Isso eu não conto (risos). Entrei por um terreno que as peças não se ajustam. Gosto de Stella e ultimamente tenho encontrado o amor numa dimensão e nobreza que só mesmo na minha idade se sente.

— **Stella aceitava as suas traições quando jovem?**

— Em princípio, nunca aceitou, mas devido à condição do meu trabalho e ao assédio natural das fãs, ela teria que aceitar. Mas dava a ela total liberdade de cidadania e de respeito à pessoa humana. Se não tivesse esse respeito, nós estaríamos separados há muito tempo.

